

HIPEROSMIA

Faz algumas semanas a imprensa noticiou, com grande destaque, que um cão pastor belga da raça “malinois”, desses empregados pela polícia em praticamente todos os países, conseguiu farejar engenhoso esconderijo onde se encontrava uma grande partida de maconha, frustrando, dessa forma, a tentativa dos traficantes de escondê-la das autoridades.

Não me é novidade que o olfato desses cães é bastante apurado. Aqui em casa mesmo temos o Lipi, um pastor “malinois” brincalhão com o qual costumamos fazer a experiência de deixá-lo sentir o odor de um objeto qualquer e depois escondê-lo em algum lugar da sala, sob uma almofada ou debaixo de um móvel. Em pouco tempo, muitas vezes menos de um minuto, ele consegue encontrá-lo simplesmente pelo cheiro.

Já escrevi, há alguns anos, sobre o que li em publicação científica francesa, a respeito da habilidade dos cães dessa raça em detectar, muito antes de qualquer sintoma aparecer, apenas pelo faro, o aparecimento de câncer de mama em mulheres. Essa apurada habilidade olfativa tem o sugestivo nome de “hiperosmia”.

Pois não é que agora eu soube que uma enfermeira escocesa de nome Joy Milne conseguiu detectar um odor, que definiu como mofado e almiscarado, doze anos antes do marido ser diagnosticado com Parkinson? Ela relatou essa faculdade que tinha em uma conferência sobre a doença. Esse mesmo odor Joy conseguiu sentir em outros doentes acometidos do mesmo mal, o que permitiu que cientistas criassem um teste para detectar precocemente seu aparecimento, permitindo, dessa forma, tratamento imediato para frear o avanço do ainda incurável - até quando? - mal de Parkinson.

Diante desses fatos, fico pensando se outras doenças graves também não emitiriam um cheiro particular, normalmente não perceptível pelo olfato humano. O câncer sobretudo, mas não só ele, que, sendo tratado em fase inicial tem largas chances de ser curado.

Por evidente, não se há de esperar que surjam outras Joy Milnes e nem contar com cães “malinois” para detectar esses cheiros. É que não me parece impossível que a ciência descubra uma forma de identificá-los, que não pelo olfato humano ou canino, e assim possibilitar seu tratamento precoce.

Não descarto também, meditando sobre o assunto, que essa seja talvez uma ideia inexecutável ou até mesmo estapafúrdia, mesmo porque não sei se outras doenças também emitem cheiros que possam ser detectados. Mas é que tão extraordinários têm sido os avanços da medicina, como os já comuns transplantes de órgãos, ou as terapias com células tronco ou a manipulação genética, que chega a ser desculpável alguém, que não é da área, formular uma hipótese terapêutica como essa.

Como sempre faço, conversei com Erasmo sobre o assunto, relatando-lhe minha dúvida se devo mesmo, como não sou cientista, sugerir novo caminho terapêutico para tratamento do câncer. O que ele respondeu tranquilizou-me sobremaneira. “Amigo Viganó, há exemplos na história da medicina de pessoas leigas sugerindo novas aberturas para solução de problemas médicos. Você, portanto, pode tranquilizar-se, uma vez que é bem possível que mudanças metabólicas na pessoa com câncer emitam mesmo odor particular, de algum modo detectável”.

Depois dessa resposta, senti-me agradecido por ter um amigo como Erasmo. E vocês, caros leitores e estimadas leitoras, também não gostariam de ter ao seu lado uma pessoa como ele, a fim de desfazer dúvidas e sugerir soluções?

Viganó
darly.vigano@gmail.com